

## VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO PIBID: ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO NA ESCOLA DOM ÂNGELO FROSI-PA

Dalcicleide Gomes Silva

<sup>1</sup> Alice Negrão Marques <sup>2</sup>

Fabiane Rodrigues Paes <sup>3</sup>

Crisolita Gonçalves dos Santos Costa <sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar as vivências formativas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na alfabetização e letramento de crianças atípicas na Escola Dom Ângelo Frosi, localizada em Abaetetuba-PA. As atividades foram realizadas por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), a partir do subprojeto “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva” tendo como objetivo promover processos de alfabetização e letramento inclusivos, voltados tanto para alunos atípicos quanto neurotípicos. A metodologia adotada foi qualitativa, com uso da observação participante e revisão bibliográfica. Durante as atividades os bolsistas foram divididos em grupos para atuarem em diferentes turmas, realizando diagnósticos, planejamentos e estratégias inclusivas que diretamente envolvessem a alfabetização e letramento das crianças. As ações foram articuladas também no plano teórico com eventos formativos que abordaram temas relacionados à alfabetização e letramento em perspectiva inclusiva. Do ponto de vista teórico o trabalho dialoga com os pressupostos de alguns autores como Paulo Freire (1996), Magda Soares (2025), Emília Ferreiro e Ana Teberoski (1999), Mantoan (2003), Alexandrino (2020), que defendem uma educação inclusiva, participativa e melhores metodologias para os processos de alfabetização e letramento. Os resultados apontam que, apesar dos avanços, persistem desafios como a escassez de recursos pedagógicos, ausência de profissionais de apoio escolar e sobrecarga docente. As vivências revelam a distância entre teoria e prática, exigindo dos licenciandos criatividade, escuta ativa e resiliência. Conclui-se que o PIBID é um instrumento essencial na formação inicial do docente, permitindo o contato direto com a realidade escolar, favorecendo a construção de saberes docentes, o compromisso com a transformação social e o constante exercício da reflexão sobre a prática como orientadora desta ação educativa com qualidade.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Formação Docente; Inclusão, PIBID.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Campus Universitário de Abaetetuba–UFPA. Bolsista de Iniciação à Docência, PIBID-PEDAGOGIA [dalcicleidesantos27@gmail.com](mailto:dalcicleidesantos27@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Campus Universitário de Abaetetuba–UFPA. Bolsista de Iniciação à Docência, PIBID-PEDAGOGIA, [alicenegrao984@gmail.com](mailto:alicenegrao984@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Campus Universitário de Abaetetuba–UFPA. Bolsista de Iniciação à Docência, PIBID-PEDAGOGIA, [fabianepaes433@gmail.com](mailto:fabianepaes433@gmail.com);

<sup>4</sup> Professora Doutora do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Ciências Sociais, Campus de Abaetetuba–UFPA e Coordenadora de Área do Subprojeto PIBID-PEDAGOGIA, [crisolita@ufpa.br](mailto:crisolita@ufpa.br);



## INTRODUÇÃO

A educação inclusiva vem cada vez mais sendo discutida na atualidade, e incluído nestes debates está a formação docente, onde se necessita, além do domínio teórico, da humanização do ato educativo, especificamente na compreensão dos desafios e potencialidades da educação básica. Nesse contexto, de formação, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), se apresenta como uma proposta importante à medida que antecipa o contato dos discentes com o cotidiano escolar, promovendo experiências formativas desde os primeiros períodos da graduação.

O PIBID oportuniza aos bolsistas a imersão no espaço escolar no qual é possível conhecer práticas pedagógicas, refletir sobre os processos de ensino e aprendizagem, desenvolver habilidades de planejamento e mediação didática, além de possibilitar o fortalecimento do compromisso ético com a educação pública no trabalho docente. O programa também estimula o trabalho colaborativo entre licenciandos bolsistas, professores da escola básica e docentes universitários, promovendo a interlocução entre teoria e prática e contribuindo para a construção de uma identidade profissional docente sólida e reflexiva.

Considerando a relevância formativa do PIBID e suas perspectivas para a inclusão, este relato tem como objetivo geral apresentar as vivências formativas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na alfabetização e letramento de crianças atípicas na Escola Dom Ângelo Frosi, localizada em Abaetetuba-PA. Como objetivos específicos buscou-se: Analisar os impactos das vivências formativas do PIBID e Investigar e aplicar estratégias pedagógicas inclusivas que favoreçam o processo de alfabetização e letramento de crianças atípicas.

Por convenção destaca-se que o uso do termo bolsistas refere-se a nós autoras deste relato que somos vinculadas ao Programa PIBID na Escola Dom Ângelo Frosi. Assim, as vivências, aqui destacadas fazem parte de um subprojeto em andamento, intitulado a “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva: Abordagens alternativas com os alunos atípicos e neurotípicos nas turmas regulares”, desenvolvido por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Abaetetuba, tendo como objetivo colaborar para a formação dos licenciandos em Pedagogia com conhecimentos teórico- práticos específicos relacionados ao funcionamento da linguagem numa perspectiva discursiva e dos processos de alfabetização e letramento direcionados aos alunos atípicos (Transtorno do





Espectro Autista - TEA) e neurotípicos com dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita e que se encontram no ciclo de alfabetização.

Implementado entre novembro de 2024 e ainda sendo desenvolvido no ano de 2025, o projeto envolveu a atuação das bolsistas através da observação e acompanhamento de turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, com foco na alfabetização e letramento, especificamente com crianças atípicas. É importante ressaltar que o desenvolvimento atípico diz respeito aos sujeitos que possuem “algum comportamento fora dos padrões normais e que podem ter origens diferenciadas como deficiência intelectual e transtornos na aprendizagem” (Souza, 2017, p.6). Atualmente, elas são escolarizadas na perspectiva da educação inclusiva. Assim, de acordo com Dourado (2024), a criança atípica pode aprender a ler e escrever, mas apresenta um modo diferenciado de construir conceitos em comparação às crianças neurotípicas. Por isso, é necessário que sejam adotadas estratégias pedagógicas que respeitem essa especificidade. Nesse viés é essencial apresentar discussões, reflexões, vivências e propostas bem-sucedidas sobre o tema, à medida que é através da pesquisa que se constroem ideias que podem compor boas práticas, ou até mesmo mapear boas ações que podem ser aplicadas em outras instituições de ensino.

No concernente a organização do projeto, a metodologia adotada envolveu a divisão dos bolsistas em grupos, que se revezaram em diferentes turmas de 1º ano dos anos iniciais, onde comumente se inicia o processo de alfabetização. Durante os primeiros dias de contato na escola, assim ocorreu inicialmente um período de acompanhamento contínuo das vivências escolares e de forma simultânea ocorriam eventos formativos nas modalidades presencial e on-line sobre temas atinentes a alfabetização e letramento.

Sob tal perspectiva, durante o decorrer da participação no projeto ocorreu a construção de bases teóricas sólidas que auxiliaram na atuação como bolsistas em sala, no contexto da alfabetização e letramento. Assim, nossas reflexões teóricas são fundamentadas nas obras de Paulo Freire (1996), Soares (2025), Ferreiro e Teberosky (1999), estudos estes essenciais para compreender os processos de ensino e aprendizagem em contextos inclusivos.

Nesse viés na presente comunicação, visando manter coerência e organização a mesma apresenta inicialmente a introdução ao tema, com a exposição de objetivos e justificativas ao estudo, bem como apresenta-se um panorama geral sobre o trabalho. Após, temos a exposição do percurso metodológico adotado na pesquisa. Em seguida, trazemos os principais resultados





e discussões, que incluem os aspectos formativos da vivência no PIBID e as perspectivas para a atuação docente inclusiva. E ao fim apresentamos as considerações sobre a pesquisa, considerando os principais achados e perspectivas da pesquisa.

## **METODOLOGIA**

Este relato de experiência faz uso da abordagem qualitativa uma vez que busca refletir sobre os fenômenos educacionais, o que requer uma análise interpretativa e contextualizada da realidade observada. Inicialmente visando a apropriação teórica acerca das discussões sobre o tema foi realizada a revisão bibliográfica uma vez que na visão de Fonseca (2002, p.32) [...] “Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”. Através da pesquisa bibliográfica foi possível conhecer importantes obras que discutem o tema.

Como tipo de pesquisa foi utilizada a pesquisa de campo a qual, segundo Gonsalves (2001, p.67) “é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre [...]”. Assim, como mencionado anteriormente, a pesquisa ocorreu na escola Dom Ângelo Frosi no município de Abaetetuba.

A coleta de dados ocorreu mediante a observação participante que na visão de Correia (1999) é “realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa” (Correia, 1999, p. 31). A mesma foi realizada durante o acompanhamento das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Ângelo Frosi.

Por fim os dados coletados, que envolveram a rotina dos alunos e o impacto do PIBID voltado para crianças atípicas na instituição foram sistematizados nos registros escritos, relatos reflexivos e por se tratar de uma pesquisa vinculada a um programa institucional de formação, não foi necessária submissão a comitê de ética.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

No plano teórico partimos da perspectiva de que a educação deve ser formadora integral, inclusiva e capaz de promover a alfabetização crítica. É através dela que há uma interlocução entre o ensino e a aprendizagem, o que tem impacto direto na necessidade de melhor formação docente. Assim no plano formativo partimos do contexto do curso de





Pedagogia e das experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Nesse viés o “PIBID insere-se em uma matriz educacional articulando formação que associa três vertentes: formação de qualidade; integração entre pós-graduação, formação de professores e escola básica; e produção de conhecimento” (Brasil, 2011, p. 3). É nesse sentido que o Programa traz contribuições à educação inclusiva a partir do momento em que possibilita ao graduando “a incorporação à prática educacional de valores e concepções diferenciadas sobre o processo de ensino e aprendizagem de toda e qualquer criança” (Alexandrino; 2020; p.10). Sob tal perspectiva na vivência durante o Programa emerge a necessidade de:

[...] Trabalhar com a diversidade e “esquecer” padrões cruelmente enrijecidos pela sociedade, e o PIBID, na perspectiva de valorizar e aprimorar a formação docente de nossos futuros professores, pode corroborar para que a inserção na realidade escolar de novas metodologias e novos olhares se efetive, proporcionando o diálogo e a troca de saberes entre Universidade, Comunidade e Escola (Alexandrino; 2020; p.10).

Assim, esse princípio formativo é essencial para a promoção da educação inclusiva, como defende Mantoan (2003) quando enfatiza que incluir envolve não apenas permitir o acesso físico à escola, mas também possibilitar a garantia da participação ativa e significativa de todos os alunos. Essa perspectiva amplia o olhar do educador para além das limitações, enfocando o olhar no sujeito e promovendo uma aprendizagem que respeite os diferentes ritmos e modos de ser.

Nessa etapa a alfabetização, torna-se um processo que vai além do domínio técnico da leitura e escrita, mas envolve a interação, socialização e o contato com o outro. Sobre a alfabetização, convém ressaltar que Emília Ferreiro e Ana Teberoski (1999) apontam que a criança constrói hipóteses sobre a linguagem escrita antes mesmo de ocorrer o processo de alfabetização escolar, o que implica reconhecer que tanto crianças atípicas quanto neurotípicas possuem formas singulares de aprender.

A partir dessa abordagem reflete-se sobre a necessidade de o educador compreender os diferentes percursos de aprendizagem, adaptando suas estratégias pedagógicas às necessidades reais dos alunos. Este processo, entretanto, não ocorre de forma isolada ele também enfrenta desafios que requerem adaptações como “mudanças no currículo e no ambiente físico da escola, como salas de aula com menor estímulo sensorial, estratégias para redução de ruídos e iluminação mais adequada” (Santos; 2023; p.23).







Dessa maneira a inclusão escolar requer ações para a efetiva participação nos processos de aprendizagem. Esse cenário exige do professor uma postura ética e comprometida com a construção de uma escola democrática e plural. Nesse cenário o PIBID desponta como essencial à medida que o Programa proporciona a vivência de experiências concretas de ensino, e articula a teoria e a prática, mediadas pela perspectiva de formação crítica e humanizadora.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Apresentando a instituição Dom Ângelo Frosi**

A EMEF Dom Ângelo Frosi foi inaugurada no dia 28 de agosto de 1989 e está localizada na rua Padre Mário Lanciotti N° 1277- Cristo Redentor – Abaetetuba - PA. Iniciou suas atividades educacionais, atendendo especificamente à educação infantil com 05 (cinco) turmas de alunos de quatro a seis anos de idade e inicialmente funcionou em um barracão, mas no dia 05 (cinco) de abril de 1999, a escola ganhou prédio próprio construído pela Prefeitura Municipal de Abaetetuba, com recursos do FUNDEF.

A escola já passou por quatro processos de eleições diretas, o mais recente em 2019 e no ano letivo de 2024 a escola atende 23 turmas, distribuídas no período matutino e vespertino, ambos os períodos com dez turmas do ensino fundamental anos iniciais, do 1º ano 5º ano, com faixa etária de 06 a 12 anos, além de 03 turmas no período noturno EJA, somando um total de 506 alunos regularmente matriculados neste estabelecimento de ensino. Os alunos atendidos na escola Dom Ângelo Frosi, em sua maioria, são moradores da comunidade, outros são oriundos de comunidades próximas, algumas possuem carências de recursos materiais. A maioria dos alunos da escola é beneficiária do Programa do Governo Federal Bolsa Família.

Em sua estrutura física, a escola dispõe de 10 salas de aula, 01 sala de professores, 01 sala para a secretaria juntamente com direção e coordenação, 01 sala de leitura, 01 sala de atendimento educacional especializado, 01 depósito de material de expediente, 01 depósito para a merenda escolar, 02 banheiros para funcionários, 06 banheiros para estudantes, 02 banheiros para alunos com deficiência, 01 pátio interno, 01 refeitório, 01 cozinha, 01 espaço coberto para recreação, 01 área para futuras instalações da quadra, 01 estacionamento para bicicletas e uma área livre em torno das dependências da escola. Ressaltamos que a escola possui as adaptações necessárias para atender alunos deficientes, como rampas, corrimão nas escadas e outros. Desde o final de 2024 a escola está recebendo o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) com período de atuação para 2 (dois) anos. E tem como

objetivo colaborar



com os processos de alfabetização e letramento de crianças das turmas na escola Dom Ângelo Frosi. O projeto realizou atividades formativas no âmbito acadêmico e prático, o que será explorado no tópico a seguir.

### A vivência no PIBID: aspectos formativos, desafios e perspectivas

Durante o desenvolvimento das atividades do PIBID ocorreram diversas experiências formativas essenciais para a trajetória como licenciadas em Pedagogia. No decorrer das atividades temos vivenciado práticas pedagógicas que auxiliam na compreensão sobre o trabalho docente, assim visando promover a articulação entre teoria e prática as coordenadoras do subprojeto desenvolvido conduzem e organizam momentos formativos, bem como reuniões com coordenadores e supervisores, e as ações planejadas com base em diagnósticos dos alunos. Assim, no momento inicial na escola os bolsistas de pedagogia que integram o Programa, foram divididos em grupos para acompanhar determinadas turmas e observar a aplicação da avaliação do 4º bimestre que estava acontecendo no ano de 2024. O quadro 1 apresenta um panorama geral de informações sobre as turmas acompanhadas no primeiro semestre de 2025.

Quadro 1: síntese do acompanhamento na Escola Dom Ângelo Frosi

Bolsista	Turma	Diagnósticos Atípicos	PAE (Profissional de Atendimento Educacional)	Observações Gerais
A	2º Ano A (24 alunos)	2 com TEA (com laudo)	1 PAE compartilhado com 3º ano	Turma acolhedora; dificuldades iniciais na leitura e escrita; boa resposta a atividades lúdicas
	3º Ano C (25 alunos)	6 neurodivergentes (sem laudo formal)	1 PAE compartilhado com 2º ano	Participação ativa, porém, com dificuldade de concentração e manutenção da atenção durante atividades coletivas
	1º Ano C (24 alunos)	3 com TEA e 1 com TDAH (todos com laudo)	2 PAEs individuais	Turma engajada; dificuldades em leitura e escrita; necessidade de instruções mais segmentadas
B	2º Ano A (24 alunos)	2 com TEA (1 não verbal, ambos com laudo)	Todos com PAE	Boa interação entre os pares; necessidade de apoio visual e rotinas estruturadas
	3º Ano C (25 alunos)	Sem novos casos além dos já citados	Todos com PAE	Dificuldades motoras finas e fonológicas; desempenho acadêmico abaixo da média da turma
	1º Ano C (24 alunos)	3 com TEA e 1 com TDAH (com laudo)	Todos com PAE	Boa aceitação entre os colegas; necessidade de reforço individualizado em atividades de leitura
C	1º Ano C (24 alunos)	3 com TEA e 1 com TDAH (com laudo)	2 PAEs	Turma receptiva; dificuldades em leitura e escrita; alunos com TEA demonstram confusão diante de instruções longas ou pouco visuais

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025





Inicialmente, acompanhamos diferentes grupos de alunos em cada uma destas séries e identificamos a partir da orientação inicial das supervisoras que há crianças atípicas ou neurotípicas sendo que nessa instituição há respectivamente crianças com diagnósticos de TEA e TDAH, exigindo estratégias inclusivas e individualizadas. Convém citar que por questões de ambientação e organização, as bolsistas foram divididas em grupo inicialmente em turmas aleatórias, porém o foco do projeto é o 1º ano do ensino fundamental. Assim, as observações iniciais ocorridas no ano de 2024 revelaram dificuldades significativas em leitura, escrita e letramento, especialmente entre os alunos neurodivergentes.

Nesse primeiro momento ocorreu a diagnose, realizada de forma colaborativa, por meio da parceria entre os bolsistas e a orientação dos professores supervisores. Para essa etapa, foi elaborado um planejamento específico que contemplava atividades voltadas à produção escrita, com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos alunos em relação à linguagem escrita. A avaliação foi conduzida por meio de sondagem oral e produção escrita, utilizando estratégias como o ditado de palavras e o ditado de frases.

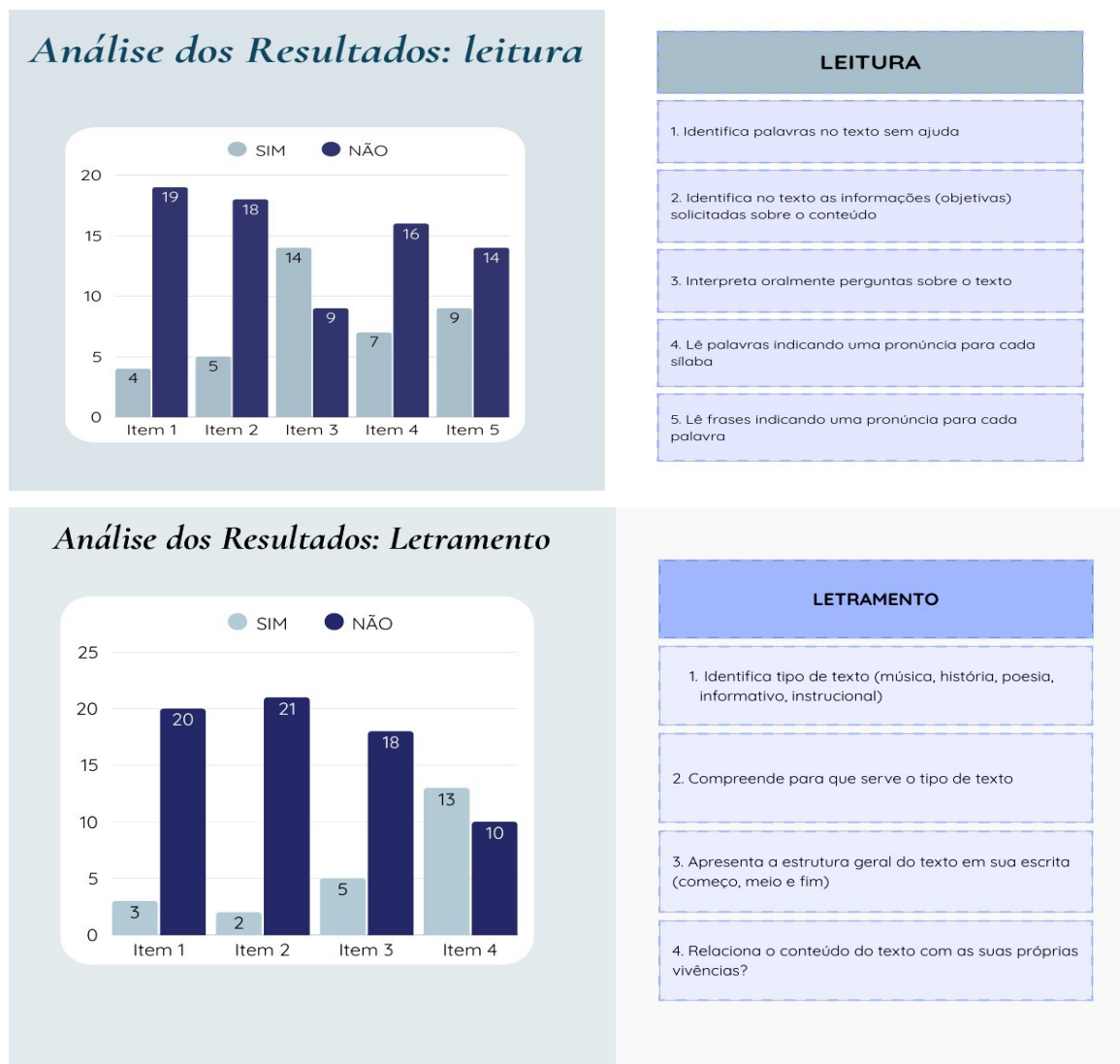
A avaliação foi aplicada em duas etapas, com um total de 24 alunos, incluindo 3 com TEA e 1 com TDAH. A metodologia empregada envolveu atividades de leitura compartilhada, produção escrita individual e análise das produções escritas, embasadas na teoria de Emília Ferreiro e na concepção de Magda Soares, buscando analisar como os alunos utilizam a escrita em situações reais, como ferramenta para comunicação, expressão e uso nas práticas sociais.

Através desse planejamento detalhado e com os resultados da diagnose foi possível organizar uma abordagem voltada para as necessidades dos estudantes, favorecendo uma observação mais precisa de suas hipóteses sobre a escrita e contribuindo para o delineamento de intervenções pedagógicas mais eficazes. A análise da escrita foi baseada na teoria de Emília Ferreiro, classificando os alunos em níveis de desenvolvimento (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético ou alfabético), a organização espacial da escrita e o conhecimento ortográfico demonstrado. A avaliação deve incluir todos os aspectos do letramento, tanto os relacionados à escrita quanto à leitura e à compreensão do contexto social e cultural.

Diante dessa diagnose verificou-se que os educandos possuíam dificuldades motoras, formação de frases, na leitura e na escrita. Apresentamos assim os resultados da diagnose na figura (1) e na figura (2).



**Figura 1 e 2:** Resultados da diagnose



**Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2025

Assim foi elaborado um projeto de intervenção, que está sendo aplicado na instituição, objetivando estimular as habilidades de leitura e escrita dos alunos do 1º ano C, focando na organização espacial, coordenação motora fina, convenções ortográficas e formação de frases, utilizando o poema do miriti como base. O poema Miriti descreve através da linguagem poética e informativa, a importância do miritizeiro (*Mauritia flexuosa*), uma palmeira típica da região amazônica, destacando seu uso e importância para o cotidiano das pessoas que vivem na região. Ao pensar em uma proposta de intervenção partimos da perspectiva de que educar envolve ter o domínio da teoria e dos conhecimentos necessários a prática docente, pois “o

professor é visto como o profissional da educação que possui aptidão e competência para





organizar, sistematizar e hierarquizar ideais sendo capaz de planejar e desenvolver de forma dinâmica e significativa’’ (Pacheco; Barbosa; Fernandes; 2017; p.335).

Apesar dos avanços, a vivência no PIBID também evidenciou os desafios enfrentados no cotidiano escolar, especialmente no trabalho com alunos atípicos. Foi verificada a escassez de recursos pedagógicos e a sobrecarga das professoras regentes, uma vez que alguns alunos neurotípicos não possuem auxílio de um profissional de apoio escolar (PAE). Nesse viés, em turmas com a média de vinte e quatro alunos, a ausência do auxílio do PAE traz maiores dificuldades para a realização do processo de ensino.

Para as bolsistas, esse cenário revelou a distância entre a teoria aprendida na universidade e a realidade vivida nas escolas públicas, exigindo constante adaptação, criatividade e resiliência. No entanto, esses desafios também se tornaram oportunidades de aprendizado, reforçando a importância de uma formação docente comprometida com a equidade, a escuta ativa e a transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência permitiu às bolsistas compreender que educar vai além da transmissão de conteúdos: é um processo de mediação, escuta e construção coletiva, e no caso de crianças atípicas envolve ainda a atuação com foco a permitir a inclusão e simultaneamente trabalhar de forma colaborativa, corroborando para que o processo educativo seja efetivado. Assim, o PIBID se consolida como um instrumento formativo inicial essencial, a medida em que promove a interlocução entre teoria e prática e corrobora para o fortalecer a identidade docente e ampliar a compreensão sobre os desafios da educação pública brasileira.

Durante a atividade do PIBID, ainda em andamento, foi possível de forma inicial vivenciar o cotidiano escolar como futuras docentes e através desta atividade ampliamos a visão sobre os desafios da educação pública, partindo da perspectiva de Paulo Freire (1996), segundo o qual “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção”, assim compreendemos que ser professora é também ser mediadora de sonhos e descobertas.

Assim, o PIBID atua como importante local formativo à medida que possibilitou refletir e desenvolver práticas de alfabetização mais inclusivas, a partir de conceitos de autores como Freire (1996) e Ferreiro (1999) onde discutimos a respeito do papel do professor. Durante as atividades desenvolvidas por meio do PIBID houveram momentos de impacto inicial entre a descrição teórica dos fazeres pedagógicos, por vezes romantizados por nós pedagogos em



formação, com a realidade prática da escola que apresentava oportunidades e desafios, principalmente os relacionados aos processos de alfabetização para crianças atípicas.

Durante a atuação no Programa rememoramos sobre o porquê ter escolhido a área de pedagogia dentre as demais áreas profissionais, esta reflexão tem como resposta que a escolha relacionou-se à crença de que a educação é uma atividade social fundamental. Assim a inserção do PIBID no ambiente escolar proporciona ao licenciando um contato direto com as questões institucionais, visto que ao participar de reuniões, colaborar com projetos pedagógicos e dialogar com a equipe gestora mostra o verdadeiro papel do professor. E dialogar com todos desse contexto mostra que o trabalho docente ultrapassa a sala de aula.

Sobre a inclusão e o trabalho com crianças neurotípicas e atípicas é importante pontuar que educar é trabalhar com sujeitos diversos, com potencialidade e desafios, e que também possuem diferentes níveis de conhecimentos e deste modo entende-se que o PIBID é um importante instrumento formativo, pois é através de suas atividades que relacionamos a teoria com a prática, temos vivências com a educação básica e com os fazeres e saberes docentes, aprendemos com os supervisores, com os demais bolsistas, com os alunos e com o corpo escolar. Assim defendemos que uma formação inicial sólida é vital ao processo educativo.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRINO, Daniela Fantoni de Lima. **O papel do PIBID diante de uma formação docente voltada para a educação inclusiva: pontos e contrapontos**. In: OLIVEIRA, Maria das Graças de; OLIVEIRA, Maria José de; OLIVEIRA, Maria Aparecida de (Org.). Ensino: práticas e reflexões. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2020. cap. 4. Disponível em: [https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2020/Vol\\_Ensino/cap4.pdf](https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2020/Vol_Ensino/cap4.pdf). Acesso em: 08 ago. 2025.

BRASIL. Decreto n. 7219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2010/Decreto/D7219.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/Decreto/D7219.htm)>. Acesso em 20 de outubro de 2025

Correia, M. C. (1999). A Observação Participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30-36

DOURADO, Leticia Rodrigues. **Alfabetização de crianças atípicas**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023.





FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. 23. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONSALVES, Elisa Pereira. *Escolhendo o percurso metodológico*. São Paulo, Editora Alínea, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Editora moderna, 2003.

PACHECO, Willyan Ramon de Souza; BARBOSA, João Paulo da Silva; FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **A relação teoria e prática no processo de formação docente**. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras*, n. 2, suplementar, p. 332-340, set. 2017.

SANTOS, Ana Paula Mariano. **Relato de experiência: vivências e desafios do ensino de crianças típicas e atípicas do segundo ano do Ensino Fundamental**. 2023. 34 Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2023. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosário Silvana Genta Lugli. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/70496>. Acesso em: 08 ago. 2025.

SOARES, Magda. *Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. 1. ed. 7. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2025.

SOUZA, Brenda Kevellyn da Silva. **Desenvolvimento atípico e inclusão: concepções de estudantes de Ciências Naturais**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18192/1/2017\\_BrendaKevellynSouza\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18192/1/2017_BrendaKevellynSouza_tcc.pdf). Acesso em: 17 out. 2025.

